

Como reconstruir o passado? Ernst Kantorowicz e a escrita da história como literatura nacional¹

How to reconstruct the past? Ernst Kantorowicz and the History writing as national literature

Walkiria Oliveira Silva²
walkiria.oliveiras@gmail.com

Resumo: Em 1927, Ernst Kantorowicz, membro oficial do Círculo de Stefan George, publicou sua biografia, *Kaiser Friedrich der Zweite* [Imperador Frederico II]. Sua obra deu início a um amplo debate entre o medievalista Albert Brackmann e o próprio autor da biografia. De maneira geral, as discussões entre Kantorowicz e Brackmann trouxeram para reflexão importantes questões acerca dos fundamentos teóricos-metodológicos que tangem o trabalho do historiador. Nesse sentido, este artigo centra-se em apresentar esse debate e analisar as principais questões apontadas por ambos. Busca-se, assim, entender a importância do debate na cena intelectual do período, destacando a proposta historiográfica do Círculo de Stefan George.

Palavras-chave: Círculo de Stefan George, historiografia alemã, interpretação.

Abstract: *Kaiser Friedrich der Zweite* [Frederick the Second: 1194-1250] was published in 1927 by Ernst Kantorowicz, an official membership of Stefan George Circle. This work initiated an extensive debate between the medievalist Albert Brackmann and the author of the biography. In general, the discussions brought important questions on the theoretical and methodological principles of the historical knowledge. Thus, this article aims to present this controversy, analyzing its substantial questions. Calling attention to the George Circle's proposals for historiography, we also try to understand the paper of this debate in its intellectual context.

Keywords: Stefan George Circle, German historiography, interpretation.

¹ Esta pesquisa possui apoio financeiro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Agradeço ao professor Dr. Estevão de Rezende Martins pela leitura prévia e pelas sugestões.

² Universidade de Brasília. Programa de Pós-Graduação em História. Campus Darcy Ribeiro, ICC-Norte, Bloco A, Subsolo (ASS 679-690), 70910-900, Brasília, DF, Brasil.

³ "De mim não há nenhum caminho para a ciência" (tradução livre). Segundo Edgar Salin, esse dito do poeta Stefan George resumiria seu posicionamento em relação à ciência (Salin, 1948, p. 256). Todas as traduções presentes neste artigo foram feitas pela autora do texto.

⁴ Foram ao total mais de 12.500 cópias entre 1927 e 1936. As edições americana e inglesa saíram em 1931 e a italiana em 1939. A edição alemã de 1963 teve uma tiragem de 2.000 exemplares. O livro foi reimpresso por três vezes até 1980: 1964, 1973, 1980 – totalizando 7.000 exemplares.

*Von mir aus führt kein Weg zur Wissenschaft.*³

Kaiser Friedrich de Zweite [Imperador Frederico II] de Ernst Kantorowicz (1895-1963) veio a público em 1927, pela editora Georg Bondi. Quatro edições foram publicadas entre 1927 e 1936.⁴ Ao lado da biografia de *Goethe* por Friedrich Gundolf, publicada em 1916, a biografia do imperador Frederico II Hohenstaufen foi a mais bem-sucedida publicação vinculada ao Círculo de Stefan George e expunha a concepção historiográfica de George e seus discípulos.

Pode-se dizer que as controvérsias geradas diante da publicação da obra causaram algum espanto tanto em seu autor – e por extensão nos demais membros

do Círculo de Stefan George àquela época – quanto em seu editor, Bondi, que não acreditava que o livro pudesse alcançar algum sucesso no meio acadêmico alemão (Norton, 2002, p. 664-665). Embora a maioria dos *Jünger* de George fosse professores universitários, Kantorowicz ainda não o era quando publicou a biografia do Frederico II. O sucesso da obra, não restrito ao meio acadêmico, e os questionamentos em torno da fundamentação teórico-metodológica de sua obra acabaram por favorecer sua nomeação para professor honorário na Universidade de Frankfurt, em agosto de 1930. *Kaiser Friedrich der Zweite* acabou por substituir uma *Habilitation* [trabalho de livre-docência], permitindo a Kantorowicz assumir seu cargo na universidade de Frankfurt, onde permaneceu até o ano da chegada dos nazistas ao poder.

Durante o 17º *Historikertag*⁵ na Universidade de Halle, em abril de 1930, Kantorowicz proferiu uma conferência intitulada *Grenzen, Möglichkeiten und Aufgaben der Darstellung mittelalterlicher Geschichte* [Limites, possibilidade e deveres da apresentação da história medieval]. Sua conferência não significava somente uma exposição das ideias e práticas do Círculo de Stefan George sobre o trabalho do historiador. Kantorowicz pretendia concomitantemente responder, mais uma vez, aos ataques do medievalista Albert Brackmann (1871-1952)⁶, àquela época professor na Universidade de Berlim. Um ano antes, em sua conferência intitulada *Kaiser Friedrich II in "mythischer Schau"* [Imperador Frederico II em uma "perspectiva mítica"] proferida na Academia Prussiana das Ciências, Brackmann tecera uma dura crítica à interpretação de Kantorowicz sobre Frederico II. Seu discurso, cuja cópia fora enviada a Kantorowicz por Brackmann⁷, acabou por ser publicado, ainda em 1929, na *Historische Zeitschrift*, desencadeando assim um considerável debate. No seu número seguinte, já em 1930, a *Historische Zeitschrift* publicou a primeira resposta de Kantorowicz a Brackmann. Seu não muito extenso artigo, *Mythenschau* [olhar mítico], foi seguido pela tréplica de Brackmann, *Nachwort* [epílogo]. A participação de Kantorowicz pode ser entendida como uma resposta definitiva a Brackmann. Após a conferência de Kantorowicz no *Historikertag* o debate entre os dois intelectuais deu-se por encerrado.

As discussões e reflexões suscitadas por Alfred Brackmann e Ernst Kantorowicz nos permitem visualizar

importantes questões acerca do conhecimento histórico, sobretudo no que diz respeito às reflexões sobre seu caráter metódico e sua relação com a objetividade do historiador no desempenho de sua atividade cognitiva de interpretar e reconstruir o passado. Embora os artigos de Brackmann e Kantorowicz em muitas passagens se restrinjam aos aspectos da própria obra de Kantorowicz, ambos os intelectuais objetivaram enfatizar uma questão primordial: em quais princípios metódicos se deve pautar o conhecimento histórico e como transformá-lo adequadamente em uma narrativa metodicamente controlada?

Um problema de método: Brackmann e a *imagination* *créatrice*

Era impossível a Brackmann negar o impacto de *Kaiser Friedrich der Zweite*. A compreensão artística de Kantorowicz sobre Frederico II aliada à sua profunda erudição eram as razões centrais que explicavam o êxito da obra (Brackmann, 1929, p. 534). Kantorowicz, a quem Brackmann considerava mais poeta que cientista, havia cometido um equívoco inadmissível que comprometia a validade científica de sua obra. Kantorowicz teria seguido um caminho metódico duvidoso. Segundo Brackmann, o estilo narrativo pouco acadêmico, sem notas de rodapé e referências bibliográficas, constituía um indício de tal imprudência metódica. De acordo com Brackmann, o descuido metódico de Kantorowicz ocorria em razão de sua associação ao Círculo de Stefan George que representava uma nova visão científica a qual demarcava também um conflito científico e geracional.

Esse conflito geracional⁸ e científico é destacado nos artigos de ambos os autores. Tanto Kantorowicz quanto Brackmann utilizam constantemente, no decorrer de seus escritos, o pronome pessoal “nós” para se referir ao grupo ao qual pertenciam e com o qual compartilhavam suas respectivas concepções de ciência histórica. Logo no início, Brackmann afirma que seria impossível à “velha geração” considerar a biografia de Kantorowicz como um trabalho científico sério. O que Brackmann concebe como “velha geração” – ou os “positivistas” – dizia respeito ao

⁵ O *Historikertag* é um dos maiores congressos dedicados à ciência histórica na Alemanha. Com interrupções nos anos das duas guerras mundiais, o congresso é realizado com certa regularidade a cada dois anos. O primeiro aconteceu na Universidade de Munique, em 1893, e o último entre os dias 20 e 23 de setembro de 2016 na Universidade de Hamburgo. O próximo ocorrerá em 2018 na Universidade de Münster.

⁶ Albert Brackmann estudou história nas universidades de Tübingen, Leipzig e Göttingen. A partir de 1913 foi professor nas universidades de Königsberg, em 1920 em Marburg e entre 1922 e 1929 em Berlim. Brackmann foi diretor do *Preussisches Staatsarchiv*, membro da Academia Prussiana das Ciências, além de participar de outras comissões e organizações. Foi também um dos editores da *Historische Zeitschrift*, revista na qual transcorreu seu debate com Kantorowicz.

⁷ Relatado por Kantorowicz a Stefan George. Carta de Ernst Kantorowicz a Stefan George, 8 de julho de 1929. Stefan George Archiv. George III, 6623.

⁸ Na linha de Karl Mannheim, gerações são caracterizadas mediante uma formação e interesses em comum. De maneira geral, compartilham a mesma faixa etária e as mesmas experiências políticas e culturais. Também possuem os mesmos predecessores e a mesma raiz social. As gerações buscam explicar sua linearidade diante das mudanças históricas a partir da implementação de inovações interpretativas. Unidades geracionais diferentes tendem a reações divergentes diante de mudanças significativas das experiências sócio-culturais. Isso poderia ser questionado para as gerações de intelectuais e suas formas de compreensão da realidade histórica na qual se encontram (Cf. Mannheim, 1982).

grupo de intelectuais para os quais o trabalho crucial do historiador residia no trabalho metódico da heurística e crítica das fontes. Nesse sentido, a narrativa historiográfica não ultrapassaria o real e não poderia se comprometer com os problemas da contemporaneidade do historiador cujo olhar deveria estar limitado a uma dada realidade do passado.

Brackmann concebia a obra de Kantorowicz como representante de uma nova concepção de ciência histórica defendida por uma nova geração de intelectuais. Para Brackmann, a característica dessa nova ciência não era tanto a pesquisa metodicamente controlada, mas a procura por um ser metafísico [*metaphysisches Seins*] que transparecia nas grandes personalidades do passado. Cabia portanto a tarefa de mostrar como esse conteúdo metafísico do passado continuava agindo no presente (Brackmann, 1929, p. 535).⁹ Segundo Brackmann, a obra de Kantorowicz seguia essa linha metafísica e o conduzia a um falso entendimento da experiência histórica do passado, gerando uma confusão entre a experiência própria do passado e os valores e ideias do presente como se ambos constituíssem uma única e mesma realidade. Embora não utilize o termo, Brackmann também acusa Kantorowicz de ser anacrônico, ao transpor, para o passado, ideias e conceitos próprios ao presente como se fossem contemporâneos ao próprio imperador e a sua respectiva realidade histórica¹⁰.

Kantorowicz sofria de uma *imagination créatrice*, característica da nova ciência delimitada por Brackmann. A imaginação criativa ultrapassava o sentido para o real [*Wirklichkeitssinn*], a experiência empírica do passado (Brackmann, 1929, p. 548)¹¹. Essa maneira de apreensão do passado tornava-se um perigo para o conhecimento da verdade produzido mediante uma pesquisa científica metodicamente controlada com pretensão de verdade. Por isso, Brackmann ressaltava que Kantorowicz- e a concepção de conhecimento histórico da nova geração- representava um perigo para a ciência histórica uma vez que propunha um conhecimento cuja pretensão de verdade se baseava na construção de uma história mítica

que desrespeitava o limite empírico da experiência histórica do passado. O autor da biografia de Frederico II não distinguia entre a própria realidade do passado – o fato histórico –, seu significado simbólico e sua própria perspectiva (Brackmann, 1930, p. 475).

O problema era portanto, a perspectiva enviesada de Kantorowicz sobre o passado, ou seja, era um problema metódico de interpretação comprometida com uma nova concepção de ciência a qual, segundo Brackmann, ameaçava a ciência histórica de seu tempo.

Eu temo que ele [Kantorowicz] não tenha se afastado do “olhar mítico” da escola de George. Sua forma de observação [...] não se satisfaz mais com o ideal de ciência positivista e ao invés desse colocam a fantasia, a estética ou o sentimento religioso. [...] O historiador entretanto perde o chão abaixo dos seus pés, quando persegue tal ideal. É muito séria a situação na qual nossa ciência se encontra. O livro de Kantorowicz é um exemplo visível do perigo que nos ameaça; não é na “Historische Belletristik” de um Emil Ludwig que está o perigo, mas sim na tentativa de, com base em uma pesquisa séria, fundar nossa ciência e suas hipóteses de trabalho a partir de dogmas (Brackmann, 1929, p. 548)¹².

Não por acaso, Brackmann encerrou seu discurso sugerindo que nenhum historiador que pertencesse ao Círculo de George ou que fosse católico ou protestante, ou mesmo marxista, poderia produzir um conhecimento histórico confiável. Apenas aquele que procurasse somente a verdade seria capaz de fazê-lo¹³. O que Brackmann denominava um “falso método” se revelava como um problema de interpretação e a consequência era uma historiografia comprometida e parcial. O problema não se encontrava na heurística e na crítica das fontes, mas na sua interpretação e no produto narrativo da pesquisa histórica.

A crítica de Brackmann assentava-se na premissa básica de que qualquer conhecimento histórico cientí-

⁹ Brackmann (1929) cita um trecho do artigo de Erich von Kahler (1885-1970) *Der Beruf der Wissenschaft* [A vocação da ciência], para conceituar a “nova ciência”. O artigo de Kahler, como o próprio título sugere, foi uma resposta ao artigo de Max Weber, *A ciência como vocação*. Entre o período de 1903 e 1911, Kahler estudou Filosofia, Germanística, História e História da Arte nas universidades de Viena, Munique e Heidelberg. Doutorou-se em filosofia na universidade de Viena sob orientação de Friedrich Jodl. Um ano depois, recusou o convite de Alfred Weber para uma *Habilitation* em Heidelberg. O envolvimento com o Círculo de Stefan George deu-se por intermédio de Friedrich Gundolf. Entre 1911 e 1914, Kahler encontrou-se com alguns membros do Círculo. Publicou um artigo [Theater und Zeitgeist] no terceiro *Jahrbuch für die geistige Bewegung*, sem entretanto, pertencer oficialmente ao Círculo. De acordo com Salin, George teria negado uma possível ligação entre o texto de Kahler e seu Círculo (Pohle, 2009, p. 37, 41-42).

¹⁰ Não é o objetivo aqui discutir o conteúdo do livro de Kantorowicz. Mas para Brackmann um exemplo de anacronismo – embora não utilize o termo – seria a auto coroação de Frederico II Hohenstaufen em Jerusalém em 1229. Segundo Brackmann, Kantorowicz não apenas entende essa coroação como a fundação de um estado secular, o que poderia ser aceitável se explicado. Kantorowicz atribui a Frederico II a intenção de fundar um estado secular, o que seria, de acordo com Brackmann, impensável naquela realidade, não existindo fontes que pudessem atestar tal intento (Brackmann, 1929, p. 539, 545).

¹¹ Brackmann dialoga com Eduard Spranger (1882-1963) com o qual compartilha a expressão *imagination créatrice*.

¹² Interessante é a referência de Brackmann ao Círculo de Stefan George como “escola”. Sugere que há uma forma de fazer ciência específica conciliada a uma prática pedagógica de aprendizado e expansão dessa mesma a partir de professores e alunos. O que faz sentido, na medida em que os membros do Círculo, mesmo que críticos, estavam inseridos no sistema acadêmico alemão. Reforço que o uso do termo “positivista” não se confunde com as filosofias da história de raiz hegeliana, mas ao trabalho criterioso com as fontes e um trabalho histórico com base nas fontes.

¹³ “[...] das man Geschichte weder als George-Schüler noch als Katholik oder als Protesstant oder als Marxist schreiben kann, sondern nur als wahrheitssuchender Mensch” (Brackmann, 1929, p. 549).

fico tem por referência a experiência histórica passada. Brackmann considerava que Kantorowicz era também um positivista, uma vez que sua pesquisa era bem fundamentada em fontes confiáveis. O problema se encontrava no resultado que promovia uma mistura entre literatura e a historiografia enquanto escrita da história baseada na pesquisa metodicamente controlada com referência à experiência empírica do passado (Brackmann, 1929, p. 478). A historiografia não se confundia com a escrita literária entendida como um ato criativo não comprometido com a pesquisa científica.

Ao que parece, a crítica de Brackmann centra-se no processo interpretativo da pesquisa histórica. Mesmo que Brackmann não tenha formulado de forma muito clara, é evidente que é a tensão entre pesquisa metódica das fontes e sua relação com o processo interpretativo que ocupa o cerne de sua crítica. Em nenhum momento, Brackmann sugere que Kantorowicz não tenha realizado uma pesquisa nas fontes. O ponto de conflito é a historiografia de Kantorowicz que compromete o conteúdo objetivo das fontes devido a sua duvidosa interpretação. Todavia, Brackmann não considera a interpretação das fontes e o resultado da pesquisa histórica, ou seja, a historiografia, como momentos diferentes do processo de produção do conhecimento histórico. Ambos aparecem como reflexos, senão como iguais. A narrativa aparece como produto direto da descrição das fontes. É um problema de objetividade e honestidade do historiador. A escrita de Kantorowicz, enquanto reflexo de seu olhar enviesado, comprometia e ultrapassava a experiência do passado.

Chama a atenção que Brackmann não tenha construído uma distinção entre subjetividade, enquanto elemento constituinte de toda pesquisa histórica, e o dogma como elemento explicativo da pesquisa histórica que justifica o argumento presente na narrativa historiográfica e a manipulação das fontes para justificar o dogma previamente dado. Brackmann aponta para uma certa convergência entre ambos os aspectos, dando a entender que qualquer tipo de subjetividade constituiria um dogma, e logo, comprometeria o trabalho científico do historiador. Nesse sentido, Brackmann parece acreditar na possibilidade do descarte do elemento subjetivo o qual, no seu entender, correspondia a dogmas que comprometiam o olhar para a experiência humana transcorrida no passado.

Como se deve escrever a história? A história como literatura nacional

Na opinião de Kantorowicz, a crítica de Brackmann, um representante dos “velhos intelectuais”, não podia ser qualificada como um problema de métodos, uma *Methodenstreit*. Tratava-se de uma contraposição entre visões diferentes, perspectivas opostas, um *Anschauungsstreit* (Kantorowicz, 1930, p. 457). O debate entre os dois intelectuais evidencia também certa confusão conceitual em relação ao termo positivismo. Se para Brackmann “velha geração” e “positivismo” dizem respeito à preocupação com a heurística e crítica das fontes, em Kantorowicz ambos os termos ganham um duplo significado. Assim como em Brackmann, o conceito de positivista faz referência àqueles que concebem o trabalho desempenhado pelo historiador como dedicado principalmente à reunião e crítica das fontes. Contudo, o termo ganha, em Kantorowicz, o significado ligado à filosofia da história de caráter hegeliano, para a qual o princípio a priori determinaria a análise histórica e submeteria a realidade histórica a um princípio causal determinista.

Kantorowicz, em sua primeira resposta a Brackmann, esclarece que por não se tratar de uma discussão sobre métodos, o imprescindível era refletir sobre a “controvérsia histórica”, sobre o comprometimento de seu trabalho historiográfico com o que Brackmann denominara de “dogma”, neste caso a compreensão de pesquisa histórica vinculada a George e seu Círculo.

A partir da tradição do pensamento de Wilhelm Windelband (1848-1915), Kantorowicz defende que a ciência histórica – e por extensão as demais ciências do espírito – não poderia seguir os princípios de causalidade e os paradigmas das ciências naturais. Era impossível reduzir a experiência histórica do passado a leis universais. A ciência histórica era uma ciência idiográfica, não uma ciência nomotética. Com base no *Sobre a tarefa do historiador* (2010 [1821]), artigo clássico de Wilhelm von Humboldt (1767-1835), Kantorowicz nega que a história possa ser analisada apenas a partir de leis universais ou esquemas mecanicistas que retiram a especificidade da realidade passada (Kantorowicz, 1930, p. 112-113)¹⁴. Em uma primeira provocação, Kantorowicz indaga se o questionamento sobre a contingência – daquilo que não é

¹⁴ Kantorowicz está consciente que a explicação causal é parte da explicação histórica, mas não pode ser encerrada nesse propósito. Ainda com referência a Humboldt, há a afirmação de que a ciência histórica quando reduzida ao aspecto nomotético descarta a contingência, aquilo que não é compreendido pelo princípio lógico causal. Ou seja, não domina a contingência. Isso fica bastante claro quando Kantorowicz ressalta que uma realidade histórica não pode ser compreendida apenas pelo “porque” mas também pelo “apesar de”. “Der Geschichtsschreiber aber muss sich vergegenwärtigen, dass zu allen Zeiten Leben nicht nur auf Kausalitäten, sondern auch auf Spannungen beruht, und sollte wissen, dass [...] umso grösser auch die Zahl innerer Gegensätze wie äusserer Widerstände sein wird und damit auch die Zahl der Spannungsfelder, d.h. es wird das “Trotzdem” schon im Denken des Geschichtsschreibers einen mindestens ebenso bedeutenden Raum einnehmen wie das “Weil”” (Kantorowicz, 1930, p. 113, 115-116).

reduzido a leis universais – seria o que Brakmann definira anteriormente como “Mythenschau”.

Kantorowicz articula uma resposta sagaz ao desmontar a principal tese de Brackmann, ou seja, seu comprometimento com os ideais do Círculo de George, razão pela qual sua obra seria metodicamente questionável. A partir da frase final de Brackmann em sua conferência, na qual afirmava que ninguém poderia escrever história se fosse vinculado a qualquer grupo ou teoria, Kantorowicz desconstrói o argumento de Brackmann com base em um elemento constituinte à ciência histórica: a sua relação intrínseca e indispensável com a subjetividade do pesquisador.

Na sua conferência no *Historikertag*, Kantorowicz afirma que o problema central acerca da sua obra estava disfarçado em uma discussão metódica. De modo geral, era desnecessário discutir sobre a pesquisa positivista das fontes. A ciência histórica não existiria sem a pesquisa e crítica das fontes. Para Kantorowicz, a questão fundamental do debate era a escrita historiográfica e seus princípios fundamentais. Kantorowicz organiza seu argumento a partir de uma distinção básica entre pesquisa histórica e escrita da história. A primeira diretamente unida às fontes, ao trabalho metódico. Pesquisa histórica [*Geschichtsforschung*] encontra-se relacionada à própria experiência do passado. Por sua vez, a historiografia [*Geschichtsschreibung*] está vinculada às necessidades do presente, e sobretudo, dirige-se a um público específico. Entretanto, a *Geschichtsschreibung* é dependente da *Geschichtsforschung*, pois a referência à realidade empírica da experiência humana no passado é indispensável. Contudo, nem toda pesquisa histórica desemboca em uma narrativa historiográfica (Kantorowicz, 1994, p. 106).

A confusão que englobava as discussões entre pesquisa e historiografia era derivada sobretudo de um problema conceitual. Não era profícuo à ciência histórica considerar sob o mesmo conceito de *Geschichtswissenschaft* [ciência histórica] tanto a pesquisa quanto a historiografia (Kantorowicz, 1994, p. 105). A escrita da história é arte [*Kunst*]. E Kantorowicz ancora-se principalmente em autores do historicismo, como Ranke e Droysen para fazer sua assertiva. Sua referência não é por acaso. É um meio pelo qual, mesmo que implicitamente, o autor afirma sua filiação à tradição do historicismo do século 19 e logo, ao seu

respectivo aparato metódico, base para a fundamentação científica da história (Kantorowicz, 1994, p. 107).

Seu objetivo é, indiretamente, indicar que assim como Ranke, faz-se necessário reconhecer a distinção entre pesquisa objetiva das fontes e a arte historiográfica. Por isso, Kantorowicz faz menção à “Introdução” da *Historia Universal* de Ranke, na qual este autor afirma que a história é ciência e arte. De acordo com o principal representante do historicismo alemão do século 19, a história era ciência “na medida em que recolhe, descobre, analisa em profundidade”, mas era também arte “na medida em que representa e torna a dar forma ao que é descoberto, ao que é apreendido” (Ranke, 2010, p. 202).¹⁵ Embora Kantorowicz não conduza a um aprofundamento da discussão, a historiografia enquanto arte não se confunde com uma escrita ficcional enquanto possibilidade de inventar o passado. A tarefa de inventar o passado, para além do conteúdo das fontes, pertencia aos romances históricos. Se historiografia é arte ela é uma arte “fortemente unida aos fatos e à realidade” (Kantorowicz, 1994, p. 107).

É ainda com base em Ranke que Kantorowicz defende o comprometimento da historiografia com o sentimento nacional. A narrativa historiográfica, ancorada na pesquisa metódica com as fontes, é parte da literatura nacional [*Nationalliteratur*].¹⁶ A autonomia da história científica e o aumento da diversificação das especialidades foram acompanhadas por um distanciamento em relação ao sentimento nacional. Se para Brackmann o maior dano para a ciência histórica era a “nova ciência”, para Kantorowicz era o abismo crescente entre impulso nacional e ciência histórica que comprometia o florescimento da historiografia. A crise da ciência histórica residia, portanto entre o afastamento entre o sentimento nacional [*Nationalgefühl*] e o sentimento de verdade [*Wahrheitsgefühl*]. A história deveria estar ligada diretamente às questões nacionais, ao sentimento nacional que deveria estar presente no historiador. Nessa lógica a ideia de verdade está conectada ao nacional e ao desempenho de um conhecimento histórico com função eminentemente pragmática.

A distinção conceitual proposta por Kantorowicz constitui um construto heurístico mediante o qual lhe é possível sublinhar as diferenças de temporalidades existentes entre o próprio passado, o ato cognitivo da pesquisa desempenhada pelo historiador, e seu produto

¹⁵ Ranke afirma que uma das diferenças da história em relação à filosofia seria a referência à realidade empírica a qual não pode ser reduzida à especulação filosófica para a qual a verdade da História estaria submetida a um conceito a priori. “Enquanto ciência, ela se aproxima da Filosofia; enquanto arte, da poesia. A diferença está no fato de que Filosofia e poesia, de maneira análoga, se movimentam no plano do real” (Ranke, 2010, p. 102).

¹⁶ “Denn in dem krampfhaften Bestreben, die Historiographie eindeutig zur Geschichtswissenschaft zu machen, vergass man allzu sehr, dass ja die Geschichtsschreibung im höheren Sinne – ander als die Wissenschaftsliteratur – unbedingt zur *Nationalliteratur* eines Volkes gehören sollte und vor allem: auch eine *Kunst* sei. Dieser Gedanke war den grossen Historikergeneration des vorigen Jahrhunderts – Ranke, Droysen, Giesebrecht, Sybel, Mommsen, Treitschke – noch *sehr* wohl vertraut” (Kantorowicz, 1994, p. 106-107). Kantorowicz afirma que a historiografia não é uma “ciência pura”, no sentido da ciência natural. Não há negação da cientificidade da história. Outro exemplo citado por Kantorowicz é o caso de Heinrich von Sybel (1817-1895). Para Kantorowicz, o ponto de vista de Sybel, defensor da *Kleindeutsche Lösung* não prejudicou seu método histórico-crítico (Kantorowicz, 1994, p. 106-108).

historiográfico. Kantorowicz propõe uma relação entre subjetividade, história e verdade com base numa tríplice temporalidade. E não menos importante, adverte Kantorowicz que essas temporalidades interagem na escrita da história e na experiência do tempo do próprio historiador e do leitor a quem se dirige (Kantorowicz, 1994, p. 117). A apresentação [*Darstellung*] de uma realidade histórica só é possível a partir do diálogo entre as temporalidades. A pesquisa tem a necessidade de separá-los e distingui-los para que o conteúdo das fontes seja examinado criticamente. A historiografia tem o dever de unir os pontos de vista a partir das experiências temporais para “presentificar a totalidade do passado” (Kantorowicz, 1994, p. 118). A pesquisa metódica com as fontes atrela-se à própria temporalidade do passado, às condições de possibilidades de ação em uma dada realidade histórica. Entretanto, o olhar para o passado, a síntese entre interpretação e narrativa, une-se diretamente à temporalidade do próprio historiador e às demandas de seu próprio tempo. Neste sentido, a temporalidade do historiador deixa de ser um problema para a objetividade do conhecimento histórico, uma vez que não significa subserviência ou dependência às questões que lhe sejam atuais, mas é uma relação consciente com tempo.

A partir dessa distinção, Kantorowicz alcança o ponto fulcral da sua argumentação. A subjetividade do historiador não significava um empecilho para o conhecimento verdadeiro de uma realidade passada mediante pesquisa histórica. Ao narrar, o historiador encontra-se atrelado ao seu próprio presente e às necessidades que o próprio tempo lhe desperta. Não era possível desligar-se automaticamente da sua própria experiência para reconstruir o passado. Neste sentido, a perspectiva de uma cultura nacional é elemento subjetivo indispensável ao historiador a fim de que possa comunicar-se com os receptores de sua obra e para que ela ganhe sentido para eles. O “sentimento nacional” não compromete a pretensão de verdade do conhecimento histórico no sentido de que não ultrapassa a realidade acontecida no passado e presentes nas fontes. O “momento nacional como impulso da historiografia” não significa nacionalismo e não significa invenção do passado para servir a uma causa específica (Kantorowicz, 1994, p. 122).

A perspectiva de Brackmann que enfatizava a oposição entre conhecimento histórico e subjetividade parece ingênua aos olhos de Kantorowicz. Se nenhum historiador enquanto adepto de George, ou como católico ou protestante pudesse produzir um conhecimento confiável sobre a realidade do passado, então o conhecimento histórico seria impraticável. Kantorowicz é enfático ao dizer que nenhum historiador está despido do seu próprio tempo. O historiador está envolto por uma cultura

histórica que lhe é própria. O positivismo defendido por Brackmann portanto, no sentido de uma imparcialidade total que se confunde com a suspensão da subjetividade era puro romantismo, era apenas encantamento teórico. A verdade não existe nos fatos em si. Não se chega a ela somente pela crítica das fontes. É necessário questionar as fontes e o questionamento só é possível a partir dos problemas enfrentados pelo historiador em seu próprio presente (Kantorowicz, 1994, p. 120).

Trata-se, portanto, de dois momentos distintos. A pesquisa tem por referência a realidade histórica do passado e seus vestígios nas fontes. O historiador apenas tem acesso aos dados empíricos das experiências históricas do passado mediante análise objetiva das fontes. A pesquisa enquanto heurística e crítica das fontes não se atrela diretamente, segundo Kantorowicz, ao espírito nacional. Neste sentido, ela possui uma validade supranacional. A historiografia, por outro lado, desempenha uma ação comunicativa no presente e possui um público alvo para a qual se destina. A escrita da história insere-se numa cultura histórica na qual a interpretação do passado apresentada argumentativamente na historiografia faz sentido. Para Kantorowicz, a historiografia deve ser considerada parte da literatura nacional pois encontra-se unida a um ponto de vista nacional e a uma memória especificamente nacional. Essa característica não era válida e aplicável apenas ao estudo da história da Alemanha. Era válida para qualquer estudo histórico.

A natureza da historiografia enquanto arte para a literatura nacional é concebida e conceituada do ponto de vista dos alemães, independente se o próprio material concerne à história da pátria [waterländische Geschichte] ou não (pensem, senhores, apenas em Ranke ou Mommsen). Por isso a historiografia dirige-se constantemente ao pequeno número dos realmente eruditos [Gebildete] e aos guias espirituais da nação, em cujo solo eles se desenvolveram e para o qual voltaram seu impulso – isso tem efeito no organismo das universidades [Hochschule] e das escolas [Schule], nos professores [Lehrer] e educadores [Erzieher], os quais são tão mal servidos com manuais inteligíveis sobre história alemã (Kantorowicz, 1994, p. 122).

Neste ponto as ideias de Kantorowicz convergem com as propostas do Círculo de Stefan George acerca do conhecimento histórico. Embora não faça alusão direta às demais publicações do Círculo, Kantorowicz dialoga sobretudo com os textos base do Círculo de George, publicados na primeira década do século XX. É evidente que a prática historiográfica do Círculo, ou “escola” de George, era construída mediante a proposta de Kanto-

rowicz: do ponto de vista nacional e com a união entre o sentimento nacional e a pretensão de verdade. Embora considerada “arte”, não há dúvida sobre o caráter científico da história. São ideias compatíveis e indissociáveis, pois arte significa aqui o conhecimento histórico produzido a partir da subjetividade do historiador que, nesse caso, é formada com base em elementos nacionais.

De maneira geral, a concepção historiográfica dos membros do Círculo de Stefan George estava assentada sobre o princípio básico da união entre história e vida, no sentido de uma retomada do caráter pragmático do conhecimento histórico. Friedrich Gundolf clamou por um novo tipo de historiografia, uma *Geistart*, que diferentemente da pesquisa [*Forschung*] deveria comprometer-se com um conhecimento histórico vivo para o presente. Por isso, acreditava Gundolf (1965), era importante que a ciência histórica fosse capaz de trazer para o presente as forças espirituais do passado que se conectassem com a experiência do presente. Friedrich Wolters (1910) ressaltou a importância das forças criativas do passado, as quais, ao dialogarem com os homens do presente, abriam espaço para a formação de condições de possibilidade para a ação dos homens do presente.

Embora a linguagem dos intelectuais do Círculo de George esteja carregada de um tom mítico e poético, trata-se sobretudo, de reivindicar para a história a capacidade de orientar os homens em sua vida prática. De acordo com Jörn Rüsen (2010), o conhecimento histórico desempenha uma função prática fundamental ao orientar os homens diante de suas possibilidades de ação, ou como afirmou Rüsen, em seu agir e sofrer humanos. A interpretação do passado e sua narrativa não poderiam ser inventadas, nem deixarem de ser científicas, muito menos metódicas. Contudo, o historiador, no desempenho da sua atividade cognitiva de reconstruir as experiências históricas do passado, não poderia deixar de lado as condições do seu próprio tempo. Não era possível que o conhecimento histórico existisse isolado da realidade a qual se situava e apartado da cultura histórica do presente. Promover o diálogo entre passado, presente e as expectativas de futuro era fundamental ao historiador e função principal do conhecimento histórico científico.

Considerações finais: sobre a possibilidade de dar sentido ao passado

Kantorowicz publicou, em 1931, um volume complementar, *Ergänzungsband*, a sua biografia de Frederico II. Apesar de o próprio autor não ter comentado ou explicado bem seu objetivo com a publicação deste suplemento,

podemos considerá-la uma última e decisiva resposta a Brackmann e ao grupo de historiadores que ele representava, denominados por Kantorowicz de positivistas.

O *Ergänzungsband* de *Kaiser Friedrich der Zweite* continha todo o itinerário arquivístico de Kantorowicz e possibilitava a reconstrução metódica de seus passos durante sua pesquisa. A edição trazia também uma revisão considerável sobre o tema. Todavia, Kantorowicz não abordou o principal tema de seu debate com Brackmann, ou seja, o caminho da pesquisa para a narrativa historiográfica. Na introdução, Kantorowicz reafirmou o que já havia esclarecido em sua conferência em Halle: era impossível construir uma imagem [*Bild*] histórica do passado sem a pesquisa e crítica das fontes. A imagem histórica do passado narrativamente apresentada era resultado da pesquisa empírica com as fontes e não de uma invenção do passado. Inventar o passado era tarefa do romance histórico, e não da historiografia. Contudo, o problema da interpretação histórica e da narrativa não é colocado no volume complementar de 1931. Trata-se somente de um inventário de fontes consultadas.

A controvérsia entre Brackmann e Kantorowicz traz uma questão relevante sobre o papel pragmático desempenhado pela ciência histórica na vida humana prática. O que parece indispensável a Kantorowicz é que o conhecimento histórico tenha por finalidade dar sentido à experiência dos homens de seu tempo. A história aparece aliada à construção de uma visão de mundo que explica e dá sentido ao passado a partir do ponto de vista nacional. Por isso, a perspectiva da cultura nacional surge como critério de sentido que organiza a explicação histórica. A perspectiva da cultura nacional constitui assim, um critério de sentido para as experiências históricas do passado, na medida em que já se encontra nas próprias circunstâncias da vida prática do presente. As experiências humanas do passado em sua acepção histórica só vêm a ganhar sentido subjetivamente quando ligadas às experiências humanas do presente e a dotam de sentido.

Por outro lado, os escritos de Brackmann parecem apontar para outra direção. Como Max Weber, o medievalista indica que à ciência não caberia a missão de guiar os homens, ou exercer a função do estabelecimento de valores. Brackmann indica que ao historiador caberia buscar vestígios do passado a fim de explicá-los enquanto encerrados apenas em sua própria realidade. Entretanto, diferentemente de Weber, Brackmann parece não observar que as demandas advindas das experiências do próprio pesquisador e compartilhadas por outros homens de seu tempo, influenciam o respectivo interesse pelo passado e por problemas específicos diante de uma realidade histórica relevante. A realidade de uma determinada cultura histórica torna-se o ponto de partida para a

interpretação do passado e logo, para a construção do sentido histórico.

Não deixa de ser significativo que o estatuto científico da história não seja colocado em questionamento. Brackmann e Kantorowicz enfatizam que a narrativa histórica é indissociável da experiência humana histórica do passado apreendida mediante análise e interpretação das fontes. Não se trata sob nenhuma hipótese de inventar o passado e por isso a importância da distinção entre a historiografia e o romance histórico em ambos os autores.

Trata-se de atitudes divergentes em relação ao conhecimento histórico científico e em relação ao papel pragmático da historiografia. Não se trata, por conseguinte, de um problema exclusivamente metódico em relação à análise das fontes e do conhecimento histórico a partir das fontes. A questão primordial repousa na relação entre a ciência histórica e sua relação e o tempo presente, o que tange o problema da própria historicidade do pesquisador e da sua relação objetiva com o conhecimento histórico. Por isso, Kantorowicz destaca a relação da verdade histórica com as temporalidades e a necessidade as distinguir. A pesquisa metódica e crítica com as fontes não se atrela à temporalidade do próprio historiador. Sua função é dar voz aos ecos do passado, dar espaço aos processos históricos do passado. Entretanto, a interpretação e seu produto narrativo, a historiografia, tem por base a cultura nacional como critério de sentido que torna as experiências históricas do passado relevantes para as possibilidades de ação dos homens do presente.

Pode-se afirmar que Brackmann e Kantorowicz são representantes típicos de duas gerações de intelectuais. De um lado, Brackmann dava voz a um grupo de intelectuais para os quais a atividade científica da pesquisa histórica não devia ter a pretensão de responder aos problemas do presente. De outro, Kantorowicz reivindicava um tipo de ciência histórica aliada à busca de sentido das experiências do tempo presente, ou em outras palavras, à função prática de orientação dos homens mediante a construção subjetiva de sentido histórico entre o passado, o presente e as possibilidades de ação no futuro.

Brackmann e Kantorowicz viveram em tempos turbulentos. A experiência da Primeira-Guerra Mundial e da repentina democracia aliada ao crescimento do pensamento totalitário trouxeram preocupações para a comunidade intelectual do período. De maneira geral, a procura por um sentido da experiência histórica

mediante o domínio das experiências das contingências tornou-se fundamental. Não por acaso, discutir o papel desempenhado pelo conhecimento histórico na vida prática ganha relevância. As confusões conceituais, as incertezas metódicas ou a certeza de uma posição, como em Brackmann, aparecem também como indícios de um período de efervescência intelectual e de renovações teóricas e metodológicas no campo do conhecimento histórico que se tornaram fundamentais ao decorrer do século XX.

Referências

- BRACKMANN, A. 1929. Kaiser Friedrich der Zweite in "mythischer Schau". *Historische Zeitschrift*, **Bd.140**, H.3.
- BRACKMANN, A. 1930. Nachwort. *Historische Zeitschrift*, **Bd. 141**, H.3.
- GUNDOLF, F. 1965. Vorbilder. In: P. LANDMANN, *Der George-Kreis: Eine Auswahl aus seinen Schriften*. Berlim, Köln, p. 173-195.
- HUMBOLDT, W. von. 2010. Sobre a tarefa do historiador. In: E. de R. MARTINS (org.), *A História Pensada: Teoria e método na historiografia europeia do século XIX*. São Paulo, Contexto, p. 82-100.
- KANTOROWICZ, E. 1930. "Mythenschau". Eine Erwiderung. *Historische Zeitschrift*, **Bd. 141**.
- KANTOROWICZ, E. 1994. Grenzen, Möglichkeiten und Aufgaben der Darstellung mittelalterlicher Geschichte. In: E. GRÜNEWALD, *Sanctus amor patriae dat animun – ein Wahlspruch des George-Kreises? Ernst Kantorowicz auf dem Historikertag zu Halle a.d. Saale im Jahr 1930* (mit Edition). Köln, Weimar, Wien, Böhlau Verlag, p. 104-125. *Deutsches Archiv*. **50**.
- MANNHEIM, K. 1982. O problema sociológico das gerações. In: M.M. FORACCHI (org.), *Karl Mannheim: Sociologia*. São Paulo, Ática, p. 67-95.
- NORTON, R.E. 2002. *Secret Germany. Stefan George and his Circle*. Ithaca, Cornell University Press, 847 p.
- POHLE, R. 2009 *Max Weber und die Krise der Wissenschaft: ein Debatte im Weimar*. Göttingen, Vandenhoeck & Ruprecht, 160 p.
- RANKE, L. von. 2010. O conceito de história universal. In: E. de R. MARTINS (org.), *A História Pensada: Teoria e método na historiografia europeia do século XIX*. São Paulo, Contexto, p. 202-215.
- RÜSEN, J. 2010. *Reconstrução do Passado*. Brasília, Editora da Universidade de Brasília, 187 p.
- SALIN, E. 1948. *Um Stefan George*. Godesberg, Verlag Helmut Küpper, 318 p.
- WOLTERS, F. 1910. Richtlinien. *Jahrbuch für die geistig Bewegung*. Berlim, Blätter für die Kunst, p. 128-145.

Submetido: 09/02/2016

Aceito: 02/05/2017